

EDITORIAL

Cumpre antes de mais referir que a decisão de dedicar a secção temática deste boletim à historiografia dos Açores foi inspirada numa iniciativa que determinou a edição de um livro organizado sob a direcção dos Professores Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe Thomaz, dado à estampa no ano de 1993. O título então adoptado – *Vinte Anos de Historiografia Ultramarina Portuguesa. 1972-1992* – é revelador dos objectivos do projecto. Sobre o capítulo relativo à historiografia do nosso arquipélago assumiu encargo com competente desempenho o Doutor José Guilherme Reis Leite e é interessante dar conta que, logo no início do seu ensaio, constata a situação de “manifesto marasmo” a que se chegara em começo dos anos setenta.

Sendo certo que a ideia foi inspiradora, importa salvaguardar que a retoma do tema, visando o período balizado pelo limite temporal de começos dos anos noventa adoptado para aquela obra, tem propósitos bem mais modestos uma vez que apenas contemplaremos os Açores. Já não seremos tão contidos na apreciação antes feita quanto ao trabalho que um apreciável conjunto de historiadores tomou em ombros; é que após o “marasmo” acima mencionado, julgamos, sem exagero, que o quarto de século de que se ocupa uma parte dos trabalhos ora publicados, havendo alguns que por razões compreensíveis cobrem um leque temporal mais amplo, revela uma vitalidade e uma pujança que contrasta com a situação de partida devido à dinâmica trazida pela Universidade dos Açores a qual permitiu à nossa historiografia alcançar um estatuto de inquestionável dignidade. Nem sempre reconhecida, diga-se em abono da verdade, por sectores com responsabilidade na produção historiográfica nacional, que nos remetem – por uma, talvez, involuntária tendência atávica – para uma inaceitável marginalidade. Uma espécie de transposição do estafado epíteto de sujeitos periféricos também, e aqui, no plano da historiografia. Entretanto, o reconhecimento da génese do projecto não deve criar a expectativa de que nos move a intenção de tomarmos o lugar de continuadores da

ideia levada a cabo em 1993. A natureza desta publicação impõe limitações compreensíveis e, por isso, conter-nos-emos na modéstia dos propósitos ainda que, pela qualidade e prestígio dos historiadores que aceitaram colaborar nesta edição, esteja ciente que fica ao dispor dos nossos leitores um instrumento de trabalho muito útil para quem se dedica à exigente escrita da História. Mesmo perante a necessidade de sermos moderados na gestão do espaço ocupado por esta edição, não quisemos perder a oportunidade de enriquecer esta secção do boletim incluindo contributos de muito interesse do ponto de vista do tema escolhido para a edição.

Mantendo as habituais secções “Vária” e “Revista de Livros”, as páginas dedicadas ao espaço “Memória” ganham especial relevo nesta edição, uma vez que em estreita colaboração entre a Direcção Regional do Ambiente e o Núcleo Cultural da Horta, se assinala a ocorrência dos 60 anos da erupção vulcânica dos Capelinhos, acontecimento a um tempo tão dramático como marcante na existência da comunidade faialense. É inquestionável que há uma ilha do Faial antes e depois dos Capelinhos, já que o seu percurso, sob as mais variadas perspectivas, oferece leituras contrastantes quanto à sua caracterização.

Traçado um esboço simples quanto aos conteúdos que o leitor pode esperar desta edição, em vez de ponto final move-nos o desejo e o dever de deixar um último parágrafo. Desde a edição trazida a público no ano de 2008 que assumimos a responsabilidade editorial deste boletim no rolar de cada ano. Uma década. Sem o dramatismo das mudanças determinadas por qualquer ruptura ou episódio menos agradável e, por isso, com a desejável serenidade que assegure uma transição sem sobressalto, dou por finda a minha missão que sempre entendi como um serviço oferecido à minha ilha do Faial, também porque sempre entendi que a existência desta publicação constitui elemento qualificador da sua imagem como parcela das nossas nove ilhas. E é assim que dou conta da feliz iniciativa da direcção do NCH ao procurar e ao ter obtido a anuência do Doutor Paulo Azevedo Madruga para assumir o encargo de dar continuidade ao boletim e que permite antever com segurança que os propósitos editoriais que o norteiam ficam assegurados. Assim, confiadamente, o desejamos.

Ao longo destes dez anos tive o privilégio de contar com a disponibilidade de muita gente sábia e generosa que, com a sua assinatura prestigiada e

com o seu conselho avisado, honraram e credibilizaram o *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*. Um reconhecido agradecimento para todos. Para a estimada amiga Doutora Magda Costa Carvalho que nos acompanhou sempre, sem regatear apoio solidário como Editora-Adjunta, fica igualmente a minha gratidão. Por fim, em nome de nós os dois, fica o registo de muito apreço pela forma sempre respeitosa e isenta com que a Direcção do Núcleo Cultural da Horta encarou o nosso trabalho. Fica um sentido obrigado.

RICARDO MANUEL MADRUGA DA COSTA

